



1.º Prémio

Autor(es): Bandeira, Pedro Jorge Monteiro
Publicado por: Editorial do Departamento de Arquitetura
URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37551>
Accessed : 31-Dec-2020 16:32:25

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

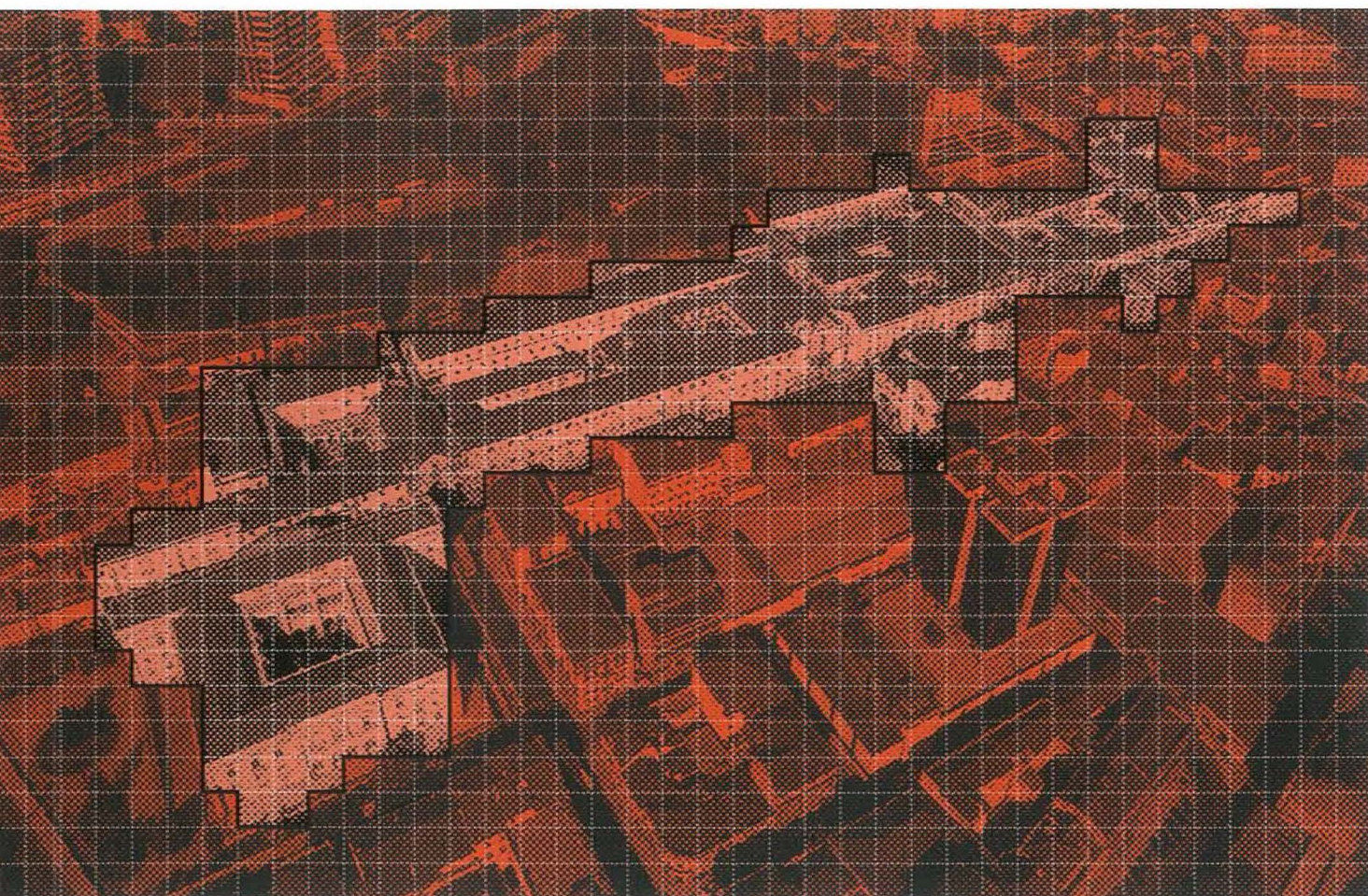
Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



SOFIA

CONCURSO PÚBLICO DE IDEIAS PARA REABILITAÇÃO DA RUA DA SOFIA

Pedro Bandeira | Eduard Bru | Walter Rossa | João Torres Campos | Teresa Calix
Ana Sofia Antunes Moreira | Pedro Sá e Costa | Sérgio Correia de Araújo Almeida Mendes
Alice Caldeira Cabral Santiago Faria | Carlos Jorge Coelho Veloso
Paulo Cyrne | Luís Francisco da Silva de Castro Fernandes
Francisco José Miranda Saraiva | Ana Blanco | Maria de Fátima Fernandes



MAIO 2004

em cima do Joelho

ecdj.8

PREMIADOS

1º PRÉMIO

Pedro Jorge Monteiro Bandeira

1 2

Num dos parágrafos de Des Espaces Atrás (1947), Michel Foucault descreve o espelho como um lugar puro, que acumula o paralelo de existir (enquanto espelho) e de, simultaneamente, proporcionar um espaço (real). É partindo deste conceito que desenvolvemos a plano para a Rua da Sofia. Em primeiro lugar devemos dizer que esta rua da baixa de Coimbra não necessita de especial intervenção. A regularidade do seu traçado, as suas arquitecturas, a variedade funcional, ou seja a sua história acumulada mais não pede que uma limpeza dos seus alçados, eventualmente uma redefinição do dimensionamento dos seus passeios, eventualmente, regar alguns dos letreiros publicitários, ou uma reformulação estética do mobiliário urbano. Nesta escala poderíamos nos pronunciar sobre o plano do metro ou rever o sentido do trânsito automóvel, hierarquizar-lo ou condicioná-lo, mas isso implicaria uma leitura necessariamente mais abrangente, o que parece ultrapassar o âmbito deste concurso. Ficamos pelo canal da Rua da Sofia, e tentaremos definir, em nota de rodapé, uma estratégia para mais dois ou três espaços envolventes.

Salvaguardamos ainda que poderia existir uma outra abordagem centralizada nas questões programáticas, essencialmente ao nível dos equipamentos colectivos que estiveram na origem da rua. Mas esta é uma abordagem cuja resposta acreditamos passar por uma estratégia de flexibilidade funcional, como aconteceu, de resto, ao longo da história dos colégios e como tem sido desenvolvida pelas diferentes entidades responsáveis por estes edifícios de carácter público. Parece-nos que apropriações do género do Centro de Artes Visuais ou do Centro de Documentação 25 de Abril são já uma resposta e por isso deslocamos a nossa atenção para outras questões que nos parecem mais pertinentes no âmbito de um concurso de ideias.

Sobretudo, interessa-nos questionar a relação de um património histórico edificado com um pensamento contemporâneo sobre a cidade. De um lado o movimento inicial, de afirmação e ruptura, alcançado na tratadística renascentista, que procura construir a cidade à imagem de um mundo ideal, de um outro lado, hoje, temos uma tendência para museificar/mumentificar esse mesmo património, quase sempre na expectativa de o vender num postal turístico. Nenhuma destas leituras viveu na Rua da Sofia, quer pelo alinhamento político contra-reformista, quer pela demolição ou decadência que afectou grande parte dos edifícios. Mas se nos interessa explorar e radicalizar esta dicotomia entre a edificação do "novo" e a perenidade do "velho" é porque serão os dois paradigmas que falham experimentar. O nosso plano assenta numa proposta que acumula esta dicotomia, expandindo mais um conflito do que um consenso.

Antes de passarmos à descrição do projecto propriamente dito, interessa ainda fazer de "advogado do diabo", na defesa do Centro Comercial Sofia. Este edifício é, paradigmaticamente, um exemplo de conciliação entre uma vontade de conservação do património histórico (através da manutenção do alçado da Igreja de São Domingos - de um modo superficial mas reconhecível) e a aplicação de uma actualização funcional capaz de responder ao assédio de uma sociedade de consumo. O programa poderia ter sido elaborado pelos Situcionistas franceses com os requintes de ironia que levaram a chapelar (talvez existente) a vender vinho e hóstias a retalho. Escreviam os Situcionistas na Polémica nº 23: "as igrejas deveriam ser demolidas ou transformadas as suas uses, enfatizando a libertação religiosa do homem". Infelizmente a libertação espiritual não levou à libertação material, mas à parte dos desvios formais, é tão legítimo o Centro Comercial Sofia (CCS) como seria o Centro Cultural Sofia (CCS).

O PLANO-ESPELHO DA RUA DA SOFIA

Propõe-se a construção de um enorme plano-espelho, longitudinal, capaz de reflectir todo o alçado virado a ponte da Rua da Sofia. Propõe-se duplicar os alçados (ou o que resta deles) dos colégios de S. Pedro, da Graça, do Carmo do Espírito Santo. Pretende-se através desta construção simétrica, tão própria do renascimento, enfatizar e questionar um certo sentido de monumento.

O espelho, como sugere Foucault, proporcionará ao transeunte uma consciência da sua relação física com o património edificado, o indivíduo vê-se, a si mesmo, transportado para dentro desse património, personificando-o, actualizando-o permanentemente, justapondo a condição contemporânea (afirmada pela sua presença) com a projecção do passado.

Mas como alerta Foucault o espelho é também o lugar outro, a heterotopia do anómalo, um desvio à realidade dentro da realidade. O que vemos será sempre condicionado pela nossa cultura actual, persiste um espaço/tempo por trás do espelho que nos é inacessível e cujo acesso não é missão da história, ou que nem mesmo a história poderá refazer.

Este grande plano-espelho será também um instrumento de medida, num sentido temporal e espacial. O espelho só existe no presente, é inócuo em relação ao passado, não transporta os objectos, não os regista, reproduz sem fixar, representa sem produzir memória. O monumento fica preso ao quotidiano, exige que seja reclamado no momento imediato. Faz da história uma matéria mais de experimentação do que de juízo.

O espelho procura escapar da sua materialidade, dando lugar à paisagem que reflecte, torna-se invisível ou transparente, como se escapando à existência material escapasse simultaneamente ao envelhecimento, ao contrário do património que nele se reflecte.

"... EM CONTRASTE COM AS URSINAS, ESTES LUGARES ABSOLUTAMENTE -OUTROS- RELATIVAMENTE ÀS DISPOSIÇÕES QUE REFLECTEM E DE QUE FALAM, POSSAM SER DESCRITOS COMO HETEROTÓPIAS. ENTRE OS DOIS LUGARES, INCLUI-SE ESSA ESPÉCIE DE EXPERIÊNCIA MISTA QUE PARTILHA QUALIDADES DE AMBOS OS LUGARES. É, AFINAL, DE DENTRÁS, UMA UTOPIA, UM LUGAR SEM LUGAR, NÉ? -O ESPELHO, VÊ-SE MAS NINGUÉM ESTÁ NEM ESPANHO MENTAL QUE SE ABRE POTENCIALMENTE DETRÁS DA SUPERFÍCIE. AÍ ESTÁ, AÍ AINDA NÃO ESTÁ COMO UMA SENSIBILIDADE QUE SE DESVOLVE E NADA APROXIMADA, PERMITINDO VER-SE AINDA NÃO EXISTO, UTOPIA DO ESPELHO, DIZIA, NACIAMENTE, USANDO COMO UMA HETEROTÓPIA, O ESPALHO ENTRE DE FACTO E PRODUZ UM EFEITO DE RETORNO AO LUGAR QUE OCUPA, CONSTATANDO NÉ? E, ENCONTRO ME ASENTIR O LUGAR EM QUE ESTOU E NO QUAL, ME VEJO..."

MICHEL FOUCAULT, DES ESPACES ATRÁS





MEMÓRIA DESCRITIVA

1º PRÉMIO

Pedro Jorge Monteiro Bandeira

“...Em contraste com as utopias, estes lugares, absolutamente outros relativamente às disposições que reflectem e de que falam, podem ser descritos como heterotopias. Entre os dois lugares, incluiria essa espécie de experiência mista que partilha qualidades de ambos; o espelho. É, afinal de contas, uma utopia, um lugar sem lugar. Nele, no espelho, vejo-me aonde não estou, num espaço irreal que se abre potencialmente detrás da superfície; aí estou, aí aonde não estou, como uma sombra que me devolve a minha aparência, permitindo ver-me aonde não existo: utopia do espelho. Simultaneamente, lidamos com uma heterotopia. O espelho existe de facto e produz um efeito de retorno ao lugar que ocupo: começando nele, encontro-me ausente do lugar em que estou, e no qual me vejo...”

Michel Foucault, *Des Espaces Autres*

N um dos parágrafos de *Des Espaces Autres* (1967), Michel Foucault descreve o espelho como um lugar outro, que acumula o paradoxo de existir (enquanto espelho) e de, simultaneamente, proporcionar um espaço irreal. É partindo deste conceito que desenvolvemos o plano para a Rua da Sofia. Em primeiro lugar deveremos dizer que esta rua da baixa de Coimbra não necessita de especial intervenção. A regularidade do seu traçado, as suas arquitecturas, a variedade funcional, ou toda a sua história acumulada mais não pede que uma limpeza dos seus alçados, eventualmente uma redefinição do dimensionamento dos seus passeios, eventualmente, regar alguns dos letterings publicitários, ou uma reformulação cosmética do mobiliário urbano.

Noutra escala poderíamos pronunciar sobre o plano do metro ou rever o sentido do trânsito automóvel, hierarquizá-lo ou condicioná-lo, mas isso implicaria uma leitura necessariamente mais abrangente, o que parece ultrapassar o âmbito deste concurso. Ficaremos pelo canal da Rua da Sofia, e tentaremos definir, em nota de rodapé, uma estratégia para mais dois ou três espaços envolventes (1).

Salvaguardemos ainda que poderia existir uma outra abordagem centralizada nas questões programáticas, essencialmente ao nível dos equipamentos colectivos que estiveram na origem da rua. Mas esta é uma abordagem cuja resposta acreditamos passar por uma estratégia de flexibilidade funcional, como aconteceu, de resto, ao longo da história dos colégios e como tem sido desenvolvida pelas diferentes entidades responsáveis por estes edifícios de carácter público.

Parece-nos que apropriações do género do Centro de Artes Visuais ou do Centro de Documentação 25 de Abril são já uma resposta e por isso deslocaremos a nossa atenção para outras questões que nos parecem mais pertinentes no âmbito de um concurso de ideias.

Sobretudo, interessa-nos questionar a relação de um património histórico edificado com um pensamento contemporâneo sobre a cidade. De um lado o movimento inicial, de afirmação e ruptura, alicerçado na tratadística renascentista, que procura construir a cidade à imagem de um mundo ideal, de um outro lado, hoje, vemos uma tendência para museificar/mumificar esse mesmo património, quase sempre na expectativa de o vender num postal turístico. Nenhuma destas leituras vingou na Rua da Sofia, quer pelo alinhamento político contra-reformista, quer pela demolição ou decadência que afectou grande parte dos edifícios. Mas se nos

interessa explorar e radicalizar esta dicotomia entre a edificação do «novo» e a perenidade do «velho» é porque serão os dois paradigmas que faltam experimentar. O nosso plano assenta numa proposta que acumula esta dicotomia, expondo mais um conflito do que um consenso.

Antes de passarmos à descrição do projecto propriamente dito, interessa ainda fazer de "advogado do diabo", na defesa do Centro Comercial Sofia. Este edifício é, paradigmaticamente, um exemplo de conciliação entre uma vontade de conservação do património histórico (através da manutenção do alçado da Igreja de São Domingos – de um modo superficial mas reconhecível) e a aplicação de uma actualização funcional capaz de responder ao assédio de uma sociedade de consumo. O programa poderia ter sido elaborado pelos Situacionistas franceses com os requintes de ironia que levariam a capela-bar (afinal existente) a vender vinho e hóstias a retalho. Escreviam os Situacionistas na Potlach nº 23: "as igrejas deveriam ser demolidas ou transformados os seus usos, enfatizando a libertação religiosa do homem". Infelizmente a libertação espiritual não levou à libertação material, mas à parte dos desvios formais, é tão legítimo o Centro Comercial Sofia (CCS) como seria o Centro Cultural Sofia (CCS).

O PLANO-ESPELHO DA RUA DA SOFIA.

Propõe-se a construção de um enorme plano-espelho, longitudinal, capaz de reflectir todo o alçado virado a poente da Rua da Sofia. Propõe-se duplicar os alçados (ou o que resta deles) dos colégios de S. Pedro, da Graça, do Carmo do Espírito Santo. Pretende-se através desta construção simétrica, tão própria do renascimento, enfatizar

e questionar um certo sentido de monumento.

O espelho, como sugere Foucault, proporcionará ao transeunte uma consciência da sua relação física com o património edificado, o indivíduo vê-se, a si mesmo, transportado para dentro desse património, personificando-o, actualizando-o permanentemente, justapondo a condição contemporânea (afirmada pela sua presença) com a projecção do passado.

Mas como alerta Foucault o espelho é também o lugar outro, a heterotopia do anómalo, um desvio à realidade dentro da realidade. O que vemos será sempre condicionado pela nossa cultura actual, persiste um espaço/tempo por trás do espelho que nos é inacessível e cujo acesso não é missão da história, ou que nem mesmo a história poderá refazer.

Este grande plano-espelho será também um instrumento de medida, num sentido temporal e espacial. O espelho só existe no presente, é inócuo em relação ao passado, não transporta os objectos, não os regista, reproduz sem fixar, representa sem produzir memória. O monumento fica preso ao quotidiano, exige que seja reclamado no momento imediato. Faz da história uma matéria mais de experimentação do que de juízo.

O espelho procura escapar da sua materialidade, dando lugar à paisagem que reflecte, torna-se invisível ou transparente, como se escapando à existência material escapasse simultaneamente ao envelhecimento, ao contrário do património que nele se reflecte. Mantendo-se sempre «novo» reivindica a medida do tempo.

Pretende-se ainda que este plano-espelho seja também uma medida espacial

modulada por braços de 2,2m. Sendo uma modulação plausível em termos construtivos, é também uma referência subjacente ao plano inicial da Rua Sofia. No entanto, esta não será uma relação mimética, o seu rigor revelará uma construção inexacta, um mimetismo corrompido, deformado pela circunstância, que questionará o absurdo da procura de uma história-total – uma utopia. Terá então sentido reconstituir um traçado? A medida deste plano-espelho será, apenas, a medida da descomprometida reversibilidade da história-vontade e da história-circunstância.

Ainda sobre o plano-espelho, que descreveremos mais à frente, interessa dizer que se quer o menos presente possível e que deverá ser considerado apenas como um instrumento que permita ver o património que o envolve. É, simultaneamente, uma máquina de consciencialização e dessacralização

O indivíduo vê-se, a si mesmo, transportado para dentro desse património

do condicionamento do conceito de monumento, de valor histórico ou rememorativo (Riegl). A redundância aparente que o espelho provoca, além de contextualizar socialmente o monumento, num somatório de indivíduos, enfatiza a sua imagem – condição indispensável para a construção de uma consciência permanentemente actualizada. É a imagem que transporta a reflexão no sentido literal e figurativo.

Este grande plano longitudinal irá contribuir para a criação de uma

III

unidade, não tanto morfológica (não acreditamos que seja esta uma prioridade), mas uma unidade capaz de pôr no mesmo plano de importância o património dito histórico e o "outro", que, afinal, constrói grande parte das nossas cidades. Pretende-se um nivelamento não do objecto "rua" mas da sua imagem, uma sedimentação comparada entre passado e presente, entre memória e quotidiano, que, quase como no Museu Imaginário de André Malraux, reduza a heterogeneidade do mundo à condensação impressa numa superfície, não de papel, mas de espelho. É esta a unidade que nos interessa, uma unidade ou similitude que permita uma comparação descomplexada do que entendemos por património, mesmo que de consumo imediato e à velocidade com que outros monitores nos habituaram.

**DESCRIÇÃO
DO PLANO-ESPELHO**

O plano-espelho será construído paralelamente aos alçados da Rua Sofia, afastado 4,4 metros do seu alçado virado a nascente. Este plano terá cerca de 422,40 metros de comprimento e 17,60 metros de altura. O plano será constituído por estrutura ortogonal metálica com 30 cm de espessura, revestida por vidro espelhado na superfície virada para os alçados dos antigos colégios e vidro normal na superfície virada para o alçado poente da rua. O plano só funciona como espelho num dos lados tornando-se transparente no outro. No lado em que é transparente permite-se a leitura da sua estrutura interior, modulada por braços que filtram o alçado dos colégios. Há apenas uma

excepção neste jogo entre reflexo e transparência; na zona da capela do Colégio de São Boaventura e no Alçado do Centro Comercial Sofia, a superfície de espelho é menos intensa em termos de reflexo permitindo uma leitura justa-posta do alçado dos antigos colégios com os fragmentos referidos, como que acentuando a competição entre diferentes ordens.

Cedendo a questões de ordem pragmática, esta grande estrutura permitirá a passagem de veículos nos cruzamentos com a Rua João Ruão e Rua Dr. Manuel Rodrigues, no entanto, estas passagens terão apenas duas braças de altura para não interromper a leitura do grande plano. Além destas aberturas existirão passagens, igualmente revestidas a espelho-vidro, destinadas aos peões, para que possam atravessar transversalmente o plano-espelho.

O plano estará ligeiramente elevado do solo, pousando em pilares distanciados por 6 braças. O pavimento da rua deverá ser o mais neutro possível, para que se possa enfatizar o efeito

de reflexão. Para acentuar o contraste dever-se-ia abdicar dos passeios em favor de um único e contínuo pavimento asfáltico. Espera-se igualmente que esta superfície negra e baixa, ausente de quaisquer inscrições rodoviárias, provoque um feito de estranheza e simultaneamente dissuasor sobre a circulação automóvel. Pretende-se um espaço híbrido sem grandes condicionalismos.

Por último uma explicação referente à implantação do plano-espelho. Numa primeira abordagem poderá parecer que o plano longitudinal deveria ser colocado no eixo da rua para espelhar proporcionalmente a metade de rua "ausente". Acontece que a sua deslocação para um dos lados, permite aumentar o ângulo de visão perspectico, facilitando uma leitura mais abrangente do conjunto dos edifícios. A separação longitudinal é apenas aparente; associado à «nova» realidade espelhada, persiste a manutenção da realidade existente; o lado transparente continuará a permitir a visualização de ambos os alçados da rua, das suas distâncias, das suas proporções. **8**

NOTA*

**Sobre os terrenos
envolventes dos Antigos
Colégios:** defendemos uma intervenção discreta que passaria apenas por recuperar alguns caminhos, podar umas árvores, demolir as construções precárias. Implantar umas estufas ou hortas. Resistir.

NOTA**

Sobre o Terreiro da Erva: Concordamos com o programa previsto pelo Gabinete para o Centro Histórico da Câmara Municipal de Coimbra. Em termos formais apelamos à ocupação total do vazio existente, restituindo a condensação que caracteriza a baixa de Coimbra, mas mantendo uma teia de percursos públicos ao nível do solo.

NOTA***

**Sobre o Parque de estacionamento do
Palácio de Justiça:** propõe-se a abertura de um concurso público de arquitectura específico para este quarteirão.

NOTA****

Sobre a Torre Arnado situada na Rua João de Ruão: propõe-se uma operação estética (do género minimal) de modo a acentuar o seu carácter monolítico. Propõe-se revestir a torre de vidro negro e mudar o nome para Torre Arnaldo.

Fotografia: João Fôja

